

CELEBRANDO PAULO FREIRE

Novos e velhos desafios na educação

Luiza Cortesão*, Eunice Macedo*, José Eustáquio Romão** & Wanderley Gerald***

Este é o terceiro número que a *Educação, Sociedade & Culturas* dedica ao grande educador Paulo Freire. Sua obra é tão vasta, tão influente, que está sempre a alicerçar novos estudos, a exigir novas reflexões e a provocar transformações inventivas nos quotidianos da prática educativa e, por isso, a impor aprofundamentos teóricos. O engajamento com o presente, tendo à frente os horizontes de futuros possíveis que atravessa o trabalho de Paulo Freire, inspira os trabalhos reunidos nos volumes anteriores desta revista e o atual número.

Quando em 1998 se organizou o n.º 10 da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, registou-se no Editorial:

Escrever sobre um homem com uma obra concebida, teorizada e enraizada numa prática de intervenção social como a de Paulo Freire, um homem que, com límpida consciência construída e assumida ao longo de toda a sua vida, afirmou que «luta porque ama», um homem que disse querer ser lembrado com a frase «Paulo Freire, viveu, amou e quis saber» é uma tarefa não só difícil, mas também de extrema responsabilidade.

Porém, apesar dos receios decorrentes da consciência dessa dificuldade e dessa responsabilidade, em 2005 voltou a ousar-se proceder à organização de um outro número da revista, também sobre Freire, o n.º 23, a que se deu o título de «Caminhando para uma Cidadania Multicultural». Nele foram reunidos alguns dos textos relativos a comunicações apresentadas no «IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire», que foi também organizado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP).

* CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

** Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil.

*** Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

Pela terceira vez, agora em 2019, está a elaborar-se o presente número a partir de comunicações apresentadas no congresso organizado pelo Instituto Paulo Freire de Portugal, o Centro de Recursos Paulo Freire, em parceria com o Centro de Investigação e Intervenção Educativas e a FPCEUP. Este Congresso surgiu da decisão de celebrar os 50 anos passados sobre a data da publicação da obra fundamental de Freire, a *Pedagogia do Oprimido*¹.

Freire, como se sabe, foi inovador em muitos aspetos, ousando transgredir, ao longo da sua obra, muitas características que, habitualmente, estão presentes nas atividades e nos textos de produção científica. Como se afirmou antes, ele construiu uma vasta obra em que a análise teórica se enraíza, convive e atua em contextos sociais e educativos, não só identificando e denunciando injustiças e discriminações, como também propondo e praticando formas de as combater. Evidenciou também o carácter político das decisões tomadas a nível da educação. Produziu uma obra de enorme importância social e educativa em que, por exemplo, conseguiu de forma muito original enriquecer textos científicos de qualidade, conferindo-lhes, simultaneamente, uma grande riqueza literária. «Inventou» mesmo novas palavras, enriquecendo-as com poderosos significados². Identificou, corajosamente, práticas educativas socialmente injustas e, apesar da existência delas, expressou, ousadamente, amor pela humanidade, cuja crueldade acabara de denunciar. E, sobretudo, não se ficando pela denúncia desses processos, propôs, experimentou e divulgou formas de intervenção com que procurou diminuir injustiças sociais e práticas educativas discriminatórias.

Num enquadramento muito orientado pela preocupação de se conseguir manter a coerência com características estruturantes da obra de Freire, procurou evidenciar-se não só o carácter eminentemente político da ação educativa, mas também que a qualidade científica, originalidade e atualidade dos trabalhos apresentados convivessem com um clima de criatividade, de afetos, de alegria, de ligação à envolvente social, transgredindo também, portanto, algumas das características que, mais frequentemente, estão presentes e enquadram encontros académicos.

Assim sendo, natural é que os textos que se reúnem neste número da revista *Educação, Sociedade & Culturas* também reflitam o clima que então se viveu e em que, intensamente, se trabalhou durante três dias, num congresso que, como se referiu, pretendia celebrar a publicação

¹ A obra só foi publicada, pela primeira vez, em 1970, no Uruguai. O cinquentenário celebrado diz respeito à conclusão da obra, na primavera de 1968, que é a data que consta da dedicatória que Paulo Freire fez a Jacques Chonchol e a Maria Edy, em Santiago do Chile.

² Seus neologismos e «expressões neológicas» acabaram por inspirar a produção de uma tese de doutorado de um linguista, Sérgio Lourenço Simões, de saudosa memória, que demonstrou ter Paulo Freire recorrido a tais invenções por necessidades epistemológicas e não por modismo literário: v. Simões, Sérgio, *Pedagogia do neologismo: A linguagem de Paulo Freire e a educação libertadora*, tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove) em 2013.

e atualidade de uma obra com as características da *Pedagogia do Oprimido*. Neste número 54 da *Educação, Sociedade & Culturas* poderá encontrar-se, por exemplo, todo um conjunto de textos, sempre politicamente comprometidos. Este é o caso do trabalho de Licínio Lima, que acentua a pertinência na atualidade de conceitos freirianos como «opção», «objeto», «educação bancária», «invasão cultural», «extensionismo», «desproblematização do futuro» ou «slogan», entre outros, que permitem críticas sobre contextos, significados e efeitos de questões bem presentes no contexto sócio-político-educativo da escola atual, de que é exemplo o «pedagogismo opressor». Já no texto de Irene Pereira se adota aquilo que a autora designa por uma metodologia materialista que enfatiza as relações sociais no trabalho, para deixar pistas para a ação a partir de reflexões sobre a Teoria Crítica na educação, tecidas à volta da obra de Freire e de outros autores.

Deste número constam também trabalhos que, sempre politicamente comprometidos, transgridem, na estrutura e na forma, modos mais tradicionais da escrita académica, hibridando a teoria com a memória, em textos em que a teoria e a poesia se fundem. Incluímos neste grupo o trabalho de Marijke de Koning que, sendo pautado por fluidez criativa, problematiza três temas geradores em textos-desafio, no âmbito do trabalho de educação não-formal, para decodificar os temas da libertação e da autonomia, e analisar «a dimensão transcendental do trabalho educativo» do Graal. Na mesma linha, o texto seguinte, da autoria de Hugo Monteiro, vem discutir a investigação-ação participativa, com fortes articulações com o pensamento freiriano, buscando uma reconcetualização de «participação, conhecimento e intervenção». Ligando-se a Freire no que concerne, em particular, à «dignificação da palavra e da experiência das classes populares», o autor faz recurso à Teoria Pós-Colonial e aos «Estudos Subalternos com a intenção emancipatória da IAP».

Incluímos também neste grupo o texto de Álvaro Pantoja que, com uma linguagem de (re) conhecimento «de escritos diversos de Paulo Freire», discute a estética freiriana e a arte na educação/formação, fluindo entre conceitos. Comprometimento é também o caso do texto de Rosa Nunes que, armado de espírito transgressivo e de luta, discute condições socio-históricas internacionais do «subdesenvolvimento da América Latina» que, como afirma, reclama uma Pedagogia do Oprimido revolucionária, da «praxis», da ética, da consciência do mundo, da poética e da política de Paulo Freire.

Outros textos há em que são descritas formas aparentemente simples, mas inovadoras, de trabalhar no quotidiano da sala de aula, em que se busca contribuir para que aconteça algo que pode ser visto como constituindo um «inédito viável» de situações educativas criativas e conscientizadoras. Este é o caso do trabalho de Wanderley Geraldi e também do de Danielle Parfentief de Noronha e Paulo Renato Vitória, que recorre ao cinema para discutir direitos humanos, em sala de aula, em torno da ditadura civil-militar brasileira.

Podem também encontrar-se neste número textos em que, «espreitando» espaços curriculares, se descobre ser possível uma intervenção inovadora, de que é exemplo o texto de Irene Cortesão, Eugénio Amorim e Isabel Menezes, os quais partem das perspetivas das crianças para «identificar efeitos decorrentes de projetos de intervenção artística na comunidade».

Outros textos, desenvolvendo-se sempre em enquadramentos teórico-ideológicos propostos por Freire, investem em metodologias que recorrem a videojogos, como é o caso do trabalho de Hugo Santos, Lucinda Saldanha, Marta Pinto e Pedro Daniel Ferreira. Estes revisitam Freire, tirando partido das tecnologias para repensar conceitos-chave deste autor como «temas geradores», «opressão» e «conscientização».

Por último, Inês Barbosa e Fernando Ilídio exploram diálogos e aproximações a Freire a partir de uma investigação militante com Teatro do Oprimido, procurando formas outras de construir ciência «mais comprometida com a transformação do mundo».

Ao terminar a organização deste número, permitimo-nos pensar, com secreto gosto, que, se Freire pudesse abeirar-se deste volume, talvez o aprovasse, até o apreciasse, ao ver que ele resulta de um trabalho desenvolvido em 2019 por um grupo de homens e mulheres de diferentes idades, de diversos continentes, de várias nacionalidades, professores e/ou investigadores de distintos campos disciplinares, que procuraram inspiração na sua obra. Não se limitaram, porém, a segui-la, mas, tal como ele recomendou, recriaram as propostas que ele, com o seu trabalho, generosamente nos ofereceu.